

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO INICIAL, VIVÊNCIA ESCOLAR, PASSIRA-PE.

Autor: Rafael Manoel de Souza Silva
Orientador: Profº Drº Jorge José de Araújo Silva

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
E-mail- rafaelfmanoel2011@hotmail.com
E-mail: jasil1@terra.com.br

Resumo:

Sabe-se que na formação de um licenciando o estágio se faz necessário para aprender como se apresenta a estrutura de uma escola, no que tange às questões administrativa, política, social, científica. Por isto, o vigente trabalho, surge da necessidade de um estágio que apresenta a escola para além das teorias, a escola como realmente é. Por isso, feito estágio de observação, procuramos perceber as necessidades pertinentes à sala de aula, cujo campo foi a escola Municipal Maurina Rodrigues dos Santos em Passira-PE, local que realizamos as práticas do estágio nas turmas de sexto e sétimo anos. Após cada aula, preenchemos uma ficha técnica sobre informações das aulas. Cada estágio durou 15 horas aula, somando ao todo 30 horas. Metodologicamente se fez uso do método quantitativo, além das observações em sala de aula, foram feitos levantamentos bibliográficos, formando um banco de dados o que contribuiu para a reflexão do estágio quanto aperfeiçoamento para a prática docente. Não obstante, constatamos a importância que a escola, o professor de classe, os alunos e os familiares têm na busca por superar desafios e formar sujeitos críticos. Tudo a luz da geografia que não é uma ciência solta, mas corrobora significativamente para a formação dos sujeitos e isto depende dos professores com sua bagagem cultural, quando se tem uma práxis que agrega, contextualiza e trás o aluno para os debates feitos em sala de aula. O estágio contribui e coopera como inicio desse processo de formação do professor, contribuindo assim, na dimensão técnica e política, nas experiências adquiridas durante todo o processo que não encerra no estágio, mas, é onde a educação começa.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Formação de Professor, Prática pedagógica; Passira.

INTRODUÇÃO

O vigente trabalho surge a luz do estágio supervisionado I que aconteceu na escola Municipal Maurina Rodrigues dos Santos, localizada na zona urbana da cidade de Passira-PE. Indo além do estágio supervisionado, disciplina integrante do currículo da licenciatura em geografia, é nesta prática, a oportunidade que os graduandos têm para se efetivar na área, na docência, uma vez que é dada aos discentes a oportunidade de olhar a sala de aula na escola na comunidade, além dos muros da universidade. Escolher a docência, ser docente, perpassa quaisquer status social, político e/ou econômico. E, no estágio são perceptíveis estas questões.

Neste sentido, o estágio se efetiva como uma importante ferramenta de amadurecimento para a futura profissão. Ou seja, o estágio como elemento indispensável para a formação profissional, no que tange a relação teoria/prática, conhecimentos administrativos, conhecimentos pedagógicos do campo de trabalho, de como são organizadas as atividades escolares e, sobretudo, a neo-percepção do aluno com os desafios que a futura profissão lhe oferecerá.

Portanto, o estágio como disciplina acadêmica, possibilita uma nova necessidade, um novo olhar, uma vez que alguns alunos não conhecem a profissão que escolheram, levando aos discentes um choque de realidade ao estagiar,. O acadêmico por vezes tem a oportunidade ao obter a realidade da escola em sua vivência, pode decepcionar-se com a futura carreira, podendo deixar o curso, mudar até de profissão. Ou, acontecer um efeito contrário, o estágio ser a confirmação da profissão desejada, esperando apenas a oportunidade para a atuação na área da qual escolheu.

Neste sentido, a formação continuada do professor passa também sem dúvida pelo estágio, é o início, é o contato efetivo do graduando com a sala de aula, contribuindo para pensar e repensar sua prática, não podendo esquecer o estagiar como formação inicial. O acadêmico chega à sociedade, aos locais pobres, acompanha situações adversas, está presente, envolve-se e põe-se a ajudar à sociedade com os saberes desenvolvidos ao longo desta experiência.

METODOLOGIA

A vigente pesquisa se dá na cidade de Passira, localizada no Agreste Setentrional de Pernambuco, na escola Municipal Maurina Rodrigues dos Santos. E metodologicamente se deu pelo método quantitativo, tendo em vista que o mesmo possibilitou a pesquisar uma ampla análise dos seres sociais, culturais, do seu campo empírico de investigação. Neste sentido, Godoy diz que:

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. (GODOY, 1995, p.21)

Neste parâmetro, ao fazer uma análise de uma determinada situação, não se pode fazê-lo exclusivamente a um determinado ponto, mas, fazer integrando toda uma questão, seja ela social, cultural, e a relação humana com o seu campo de pesquisa. Não esquecendo o meio ambiente, toda e quaisquer pesquisa não pode ser separada do ambiente.

Por isso, esta pesquisa, ao adotar o método quantitativo, visa ter uma olhar amplo, procurando elencar os principais pontos, e buscar caminhos que sejam eficazes, e corroborar com o melhor entendimento sobre o pesquisado. Outro meio para a realização deste artigo foi à observação participante, a mesma serve para confrontar o dito, com a realidade.

Neste sentido, foram feitas análises nas aulas dos sextos e sétimo anos, a cada observação preenchemos uma ficha técnica para saber do professor qual o assunto abordado, objetivo da aula, objetivo alcançado, processo avaliativo durante e depois das aulas, atividade pedagógicas que

fomentavam o debate em sala de aula, partilha com os docentes, escuta dos alunos, quais as realidades de cada, os desafios. Tudo para melhor compreender a realidade escolar que não fica presa em uma sala de concreto, mas supera essas questões. Tais realidades contribuem efetivamente para esse processo de formação do futuro professor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

ESTÁGIO: MOTIVAÇÃO OU DESÂNIMO?

Iniciar quaisquer profissões é começar o incerto, é arrisca-se para uma profissão futura onde não se sabe o que a mesma o aguarda. Por isso, o discente está envolvido em várias teorias, com uma visão diferente do que vem a ser a prática, do que vem a ser a vida escolar. Mas, antes de tudo, o professor tem que ser aquele olha os alunos de maneira diferente, afetuosa. Cortella (2014) diz que:

[...] Ser professor (ou professora, claro) é ser aquele que, antes de tudo, se compraz no encontro, na junção, na relação. É ser aquele que tem como mote algo que é extremamente romântico- e por isso bonito, jamais descartável: termos uma humanidade que viva em confraternização, com fraternos, irmanados. (CORTELLA, 2015, p. 13).

Ou seja, ser professor sendo aquele que esta aberta aos alunos, procurando fazer da sala de aula como uma verdadeira festa, onde todos sentem alegria em esta ali. Mas, o estágio, onde entra nesta perspectiva? No que tange a afetividade. A vida docente não é fácil, como já refletimos no inicio deste trabalho. Por tanto, à medida que os professores trabalham a fraternidade na escola, a responsabilidade, começa-se um novo desenho do quadro escolar e os discentes, ao participar do estágio, não sentirá tanta angustia medo e, sobretudo, incertezas quanto a profissão que escolhera.

O estágio surge com uma finalidade de aproximar teoria com a prática, de ingressar o discente no meio escolar, dando-o uma nova roupagem frente aos desafios que o espera. Corroborando com o vigente pensamento Frantz (2010) quando diz:

Esta vivência é muito importante para a sua formação profissional por ser uma atividade essencial para a construção de sua identidade de professor-educador. Você tem a oportunidade de constituir e/ou de ampliar seu conhecimento exigido na prática profissional, nas atividades de observação/pesquisa em espaço de escola do Ensino Fundamental e/ou do Ensino Médio. Assim, vai desenvolver um trabalho de estudo e acompanhamento de ações e práticas da escola que oportunizarão visibilidade e conhecimento para sua futura atividade docente. (FRANTZ, 2010, p. 9).

Neste sentido, o estágio é a aproximação do que for vivenciado em aulas teóricas do campo acadêmico, com a realidade escolar. Outro ponto importante, é a construção da identidade como o graduando se ver naquela profissão, e como será a sua vida a partir do momento que começar a lecionar. O estágio vai além de observações, preencher papéis burocráticos, o estágio atua como o artesão que terce de maneira clara e objetiva a vida profissional.

Tendo a certeza da profissão, clareza do que quer no futuro profissional, não será frustrado, não se

cobrirá de angústia, uma vez que a construção da identidade profissional fora espanado. Mas, não foi totalmente conhecida, pois é um processo contínuo que não se termina com o fim do estágio, tão pouco quando se começa a lecionar. A construção é efetivada aos poucos, mas, o estágio se faz importante porque é um dos caminhos para a construção e conhecimento da identidade, funcionando como base vivenciada para a futura profissão. Por conseguinte, o estágio é a junção de teorias e práticas, é o início da construção prática sobre o saber docente. Frantz (2010), diz que tem a certeza que:

O estágio curricular é uma atividade prática e teórica de conhecer, de dialogar e de intervir/interagir na realidade escolar, que permite mobilizar saberes desenvolvidos durante o seu curso de Graduação para a reflexão dessa realidade. Veja que diversas são as fontes para constituir seu saber profissional docente! Entre elas, as atividades e experiências de estágio orientam você na busca desse novo saber: *o saber docente*. Este é constituído em diferentes momentos da vida, isto é, durante a formação escolar (percebeu o significado da primeira atividade que você realizou?), na formação profissional, no ingresso na carreira e na vida profissional. (FRANTZ, 2010, p. 12).

Nesta ramificação, o estágio surge com outro objetivo, além da construção da identidade profissional, o mesmo funciona como conhecimento de novas práticas pedagógicas, de novas construções práticas. Em suma, o estágio é também efetivamente parte da construção do saber docente. Não um saber teórico, mas um saber que olhe a escola, os sujeitos, nas suas múltiplas atividades e realidades com as quais estão inseridos.

O saber docente não é uma construção fácil, é preciso abertura, é preciso estar atento e acolher o outro como é. Primeira atividade para a construção do saber docente é olhar a pluralidade escolar, não querer uma vida escolar homogênea, pensamentos homogêneos, mas, protagonizar a vida dos alunos, e, sem dúvida o estágio se faz importante também nesta construção.

Contudo, o estágio perpassa uma obrigação do currículo acadêmico, é preciso para que os discentes saibam discernir a sua futura profissão. O estágio mesmo mexendo com as emoções é um importante estruturador da formação docente, logo, o estágio serve em primeiro lugar para motivar, incentivar e quebrar quaisquer desânimos.

O ESTÁGIO COMO ABERTURA PARA OUTRAS DIMENSÕES, SEJA NA VIDA ESCOLAR, COMO NA VIDA ACADÊMICA.

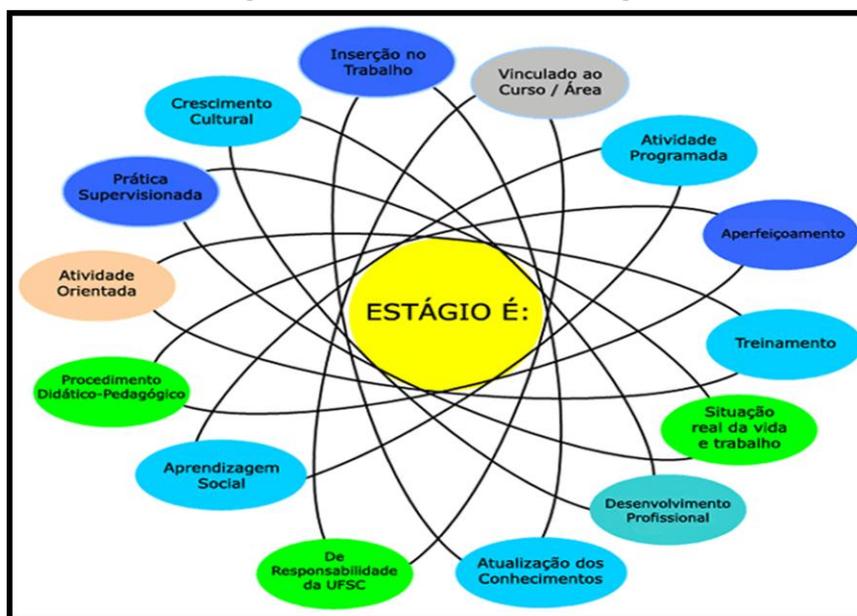
É indispensável na vida do licenciando que está no estágio, a abertura para as questões que fogem dos paradigmas estabelecidos. É preciso um olhar e uma escuta sensível para a nova realidade. O estagiário, ao chegar ao campo de estágio, precisa saber dialogar com os profissionais que ali já estão lecionando, precisa de uma análise narrativa, acerca da experiência dos docentes.

Tal narrativa, é feita ao começar a conversar com os professores que já o ensinaram, ouvindo as suas histórias, o que deu certo, o que não deu certo. Precisa sempre ponderar as (in)formações que foi submetido, por isso, Frantz (2010) afirma que: “Desse modo o professor de sua área de

formação, ao falar sobre o seu saber-fazer, estabelece um modo de relatar e refletir sua experiência, produzindo sentido ao que pensa e diz de suas práticas e como isso vai se transformando ao longo de sua vida profissional”. (FRANTZ, 2010, pág. 36).

Então, a abertura do discente para a escuta dos professores quanto a sua metodologia, suas práticas, contribuem para a formação do principiante, quando o mesmo, de forma humilde está atento às questões que lhe foi apresentada. Conduto, o estágio é sem dúvida importante, pois o mesmo traz-nos uma série de elementos, tais como a figura 1, relata-nos com clareza suas dimensões.

Figura 1: As dimensões do estágio.



Fonte: Disponível em < <http://narrativasdeestagiounebvi.blogspot.com.br/> acesso, 27 de jun./17.

Portanto, o estágio é antes de tudo, aprendizagem. Aprendizagem porque o mostram ao licenciando, as dimensões as quais está envolvido, a dimensão didático-pedagógica, desenvolvimento profissional, situação real da vida e do trabalho, aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos, no que tange a teoria, não menos importante, o estágio e a humanização do futuro profissional.

Esta humanização se dar de maneira gradual, a medida que existe uma abertura da escuta e do olhar, tem-se um aprendizado efetivo, que não fica apenas nas burocracias, mas ultrapassa, chega as dimensões sociais e culturais. Frantz (2010) salienta que é preciso conhecer:

Os jovens e o repertório de sua cultura diversa, e descobrir quais as concepções que têm sobre suas vivências no espaço escolar e como os processos de sociabilidade que ocorrem dentro da escola e fora dela fazem parte da vida e do ser jovem no tempo presente. E, também, como o currículo da escola encaminha o resgate das vozes desses sujeitos como elemento fundamental do trabalho pedagógico; como se propõe a buscar espaços e ações coletivas que permitam a escuta e o diálogo, que podem ser projetados para o plano das trocas culturais, do compartilhamento dos saberes e compromissos políticos conjugados entre sujeitos de diferentes experiências, idades e responsabilidades sociais. (FRANTZ, 2010, pág. 37 e 38).

Deste modo, quando existe uma abertura para conhecer novas realidades, o estágio começa a ter um novo significado, o estagiário está se introduzindo na vida do outro chegando a permitir este acompanhamento. Assim, acontece a troca cultural, tão importante para a formação do futuro profissional e aos alunos de determinada escola. Pois, serve de motivação para ambos os grupos.

Por isso, é importante a abertura para vivenciar, diagnosticar uma nova realidade, que foge dos livros, que deve aproximar professor-aluno-estagiário. Não uma aproximação infértil, com interesses, mas, a aproximação que fomenta a troca de experiência, dando voz a cada sujeito neste processo ensino-aprendizagem.

EDUCAÇÃO NA DIMENÇÃO PESSOAL, SOCIAL E ESCOLAR.

Quando falamos educação, automaticamente atrelamos a questão escolar, mas, é preciso separar algumas questões, a educação também é compreendida como a construção diária, por exemplo: Quando alguém diz que uma pessoa não sabe respeitar o próximo, atrela à esse sujeito à ideia de que não é bem educado, no que tange a comportamentos, sociabilidade, respeitabilidade. Ou seja, como afirma Cortella (2014) “Educação é o que conduz cada indivíduo, desde criança, a torna-se humano, formar-se humano, ser humano” (CORTELLA, 2014, pág. 17)

Ou seja, a educação é um processo contínuo que corrobora para a formação do ser, um ser que olha sem discriminação, que tem um olhar agregando o outro e não um olhar que separa, exclui. A educação tem um papel fundamental nas competências de desenvolvimento do ser humano. E, o papel do educador é indispensável para esta formação. Siqueira Neto (2016) afirma que:

O educador sempre teve, em variadas épocas e em diferentes lugares, a árdua missão de colaborar no desenvolvimento humano. No entanto, quando o amor está presente neste convívio formador, desenvolve-se o prazer conjuntamente, ao perceber as mudanças e belezas que frutificam com o passar do tempo. Do Oriente ao Ocidente, em qualquer período, o educador que vê na sua profissão uma forma de influenciar e ser influenciado pelo desenvolvimento entende a sua importância para a evolução do ser humano.
(SIQUEIRA NETO, 2016, pág. 10)

Neste sentido, o desenvolvimento do ser, do sujeito, tem a contribuição do professor para a mudança do ser, para o olhar para si e começar a muda. A educação é esta construção, ela não tem limites, ela não pode ter limites.

A educação também contribui para o processo de formação social, ela trabalha assuntos transversais da dimensão pessoal, que contribui para a formação social, para o bem estar de todos. Quando certo sujeito não tem trabalhado de maneira correta, eficiente e eficaz a dimensão pessoal, a social vem atrelada com alguns distúrbios, nos quais, a sociedade em si sente essa fraqueza.

Um exemplo claro de ser compreendido é quando alguém ingressa na vida pública, seja na esfera judiciária, legislativa, executiva e/ou outras atividades, onde, é preciso tomar decisões de caráter sério e comunitário, e quando quem está a frente das decisões não o faz de maneira responsável, a consequência vem, por conseguinte.

Neste âmbito, a educação também vem para a formação cidadã, não é possível vivermos etapas separadas de uma formação. A dimensão social/educacional trabalha o sujeito como um todo, formando-os para serem sujeitos críticos, que não aceita tudo de goela abaixo, mas, que questiona que luta por seus direitos, e busca igualdade social, equivalência no exercício de direitos e deveres. Aranha (1996) afirma que:

Na educação há muito que fazer. Temos de lutar por êxitos parciais que, no conjunto, se tornam significativos: adequada aplicação das verbas públicas, melhor formação de professores competentes e politizados, remuneração condigna do corpo docente, escolas bem equipadas, classes pouco numerosas, desmitificação na abordagem das disciplinas, leitura crítica dos textos e do próprio mundo. (ARANHA, 1996, pág. 36)

Conduto, a formação social é sem dúvidas a luta por melhoria, é a nova leitura, é uma nova roupagem. Trabalhar estas dimensões dentro da escola, da sala é contribuir de maneira efetiva para um senso crítico que olhe um todo, olhe o mundo sem o senso comum, que critique, mas, sobretudo, que buscar crescer. Esta, sem dúvida a educação faz crescer o ser nas suas dimensões, sejam elas, pessoal, social e ou escolar.

Ao falar da dimensão escolar, não podemos olhar como uma ilha, a escola passiva de pensamentos políticos, diversidade, a escola que só olha a questão metódica dos conteúdos, sem comparação, sem conexões, esta escola, a vivacidade escolar, é sem dúvida morta. A escola tem que ser viva, aceitar as diferenças, mas não se limitar nela, não pode ser segregação, não pode ser monopólio de pensamentos, ideologias, a escola, antes de tudo, tem que ser aberta ao diálogo vivo e eficaz, que transforma a vida dos alunos, que os chama para o debate no dia a dia, a escola precisa ser aquela que não foge das discussões.

Claro, quando se fala escola não mencionamos apenas o espaço físico, mas a quem vive neste espaço físico, todos estão nesta vivencia escolar, ninguém pensa igual, ninguém fala igual, ninguém age igual, por isso a escola é esta pluralidade, que marca a vida dos alunos. A escola não é uma ilha, e Aranha (1996) reafirma dizendo que “a escola não é uma ilha separada do contexto histórico em que se insere. Ao contrário, ela está comprometida de forma irreversível com o ambiente social, econômico e político.” (ARANHA, 1996, pág. 136).

Por isso, ao falar de educação, ela vai além das formas sistêmicas, dos paradigmas, a educação olha um todo. E, este também é o papel do estagiário, do professor, compreender as demais questões que o aluno esta intrinsecamente envolvido com outros aspectos, como salienta Cortella (2014) “Educação é tudo aquilo que se muda, nos orienta, nos organiza em nossa trajetória, o que inclui também a escola”. (CORTELLA, 1996, pág. 17).

Neste sentido, a educação trabalha o pessoal, o social, o escolar, não se limita, mas humaniza, cultiva, socializa e agrega diferente saberes. Nesta ramificação, a educação é o caminho pelo qual teremos uma humanidade mais humanizada. Compreendendo assim que se faz necessário uma nova práxis, e a compreensão da educação não como mero transmissor de conteúdos, mas como meio que trabalha a criticidade dos alunos no que tange a valores éticos, morais. A educação, a escola, não deve fechar-se ou segregar as questões trabalhistas, econômicas e/ou culturais.

A DIDÁTICA NA GEOGRAFIA, A GEOGRAFIA NA DIDÁTICA.

Os novos rumos que a geografia vem trilhando, está atrelada à questão dos professores estarem abertos às novas metodologias e às novas didáticas. Mas, esta não é uma regra, ainda existem alguns docentes que atuam em área distorcida, ou seja, não tem formação em geografia, mas leciona geografia. Tal situação reflete na qualidade do ensino que espelha na forma e de ver e do interesse da geografia expressados pelos alunos.

Não obstante, para chamar a atenção discente da importância da geografia, é preciso começar pela formação do professor, o ensino de geografia não pode ser feito apenas em questões teóricas, tão pouco por profissionais que não têm domínio da mesma. Neste sentido, as escolas precisam em primeiro lugar, contratar professores especializados, para assim, surgir uma nova práxis e, por conseguinte, um novo interesse dos alunos para a ciência geográfica.

Portanto, a escola surge de uma necessidade humana de compreender conhecimentos científicos, mas, nos últimos tempos esse pensamento vem atrelado a uma necessidade que a escola não pode ser apenas um local que passa conhecimento sistemático. Contudo, a escola deve trazer um novo olhar para as dimensões sociais, humanas e culturais, principalmente no que tange a ensinar, ou melhor, refletir sobre a ciência geográfica. A geografia, é viva, é a ciência do agora, desfaz paradigmas existentes e lança um pensamento vivo e capaz de modificar a vida os sujeitos sociais.

Por isso, é importante mostrar que a geografia é ciência que estuda o espaço, e, ao estudar o espaço estamos estudamos todos os elementos que fazem parte do espaço, buscando contextualizar a teoria com a prática. Abreu, afirma que “uma prática pedagógica inovadora inclui propostas que permitam desenvolver as novas tecnologias e da comunicação, no sentido de ampliar os recursos de aprendizagem” (ABREU, 2015,pág.72), isto só será possível, se o professor estiver atento e aberto para os novos desafios, procurando sempre se reciclar.

Mas, atende-nos a geografia quando é usada uma didática clara, objetiva, introduz o aluno em uma nova realidade. O uso de práticas, métodos diferentes de ensinar, chamará a atenção dos mesmos. O autor contemporâneo Castrogiovanni (2000), diz que as escolas não se manifesta atraente frene ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras da vida que é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, o mesmo afirma que a escola parece ser homogênea, como já fora refletido neste trabalho, diz também que a escola está opaca, sem brilho, no que tange às características mencionadas. E reafirma dizendo que o espaço geográfico deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem. Por isso, é urgente teorizar a vida, para compreendê-la, representá-la melhor e, portanto, viver um busca de seus interesses, conclui o autor.

Então, para que as aulas de geografia tornem-se atraente e para que os alunos se encontrem no assunto abordado, é preciso de uma boa didática, que reporte o aluno para uma nova realidade, para uma critica social, política, econômica, pessoal, escolar. Este é o poder da geografia frente aos novos desafios. Ensinar que podemos luta por direitos, a igualdade, justiça, valores éticos e morais,

não sendo apenas discursos, mas prática, a geografia encaixa-se bem neste contexto.

CONCLUSÃO

Mediante tudo vivido em sala de aula e fora da mesma, nos intervalos de uma aula para outra, ficou compreendido a necessidade que a escola tem por professores que olhem os alunos na sua totalidade, de uma escola que saiba dialogar com os setores da sociedade civil, de uma escola que chame os pais para participarem como sujeitos ativos, dentro do processo educacional que os filhos estão inseridos. Assim, a escola que foi palco da disciplina estágio supervisionado I, realiza, vive uma dimensão ambiental com a inclusão dos alunos na plantação, cultivo e colheita na horta da escola. A escola também vive o diálogo com o conselho tutelar municipal, secretaria de assistência social, enfim, é uma escola dinâmica, viva, que olha os alunos como protagonistas de suas histórias. Nesta ramificação, com o estágio foi possível diagnosticar o perfil dos alunos, a importância social que escola tem a importância que os alunos têm na vida escolar, a troca recíproca entre professores e alunos. Este sem dúvida é o caminho, escola que saiba dialogar, que esteja aberta para viver e ser uma estrutura que respeita todos, uma escola heterogeneia, plural, pronta para viver os desafios do século presente e mais que tudo, dialogar. A escola não pode de forma alguma perde a capacidade de conversar, ser equilíbrio. Uma escola já não pode ter alunos calados e professores donos do saber, a escola é também construção, não é pronta, não é acabada, ela é processo cotidiano.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação, 2ed. S. Paulo: Moderna, 1996.

CASTROGIOVANNI Antônio. Ensino de geografia: práticas e contextualização no cotidiano, (ORG.). –Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

CORTELLA, Mario Sérgio. Pensatas Pedagógicas: nós e a escola: agonias e alegrias, Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANTZ, Lori Maria. Estágio curricular supervisionado, Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. – (Coleção educação a distância. Série livro-texto). ISBN 978-85-7429-863-4.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais . *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 21, maio-jun 1995. Narrativas de Estágio.

Disponível em < <http://narrativasdeestagiounebvi.blogspot.com.br/>> acesso em 27 de jun de 2017

Livro Didático. Disponível em < <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>> Acesso em 30 de junho de 2017.

SILVA, Paulo Roberto F. de A. Rumos do professor contemporâneo: a epistemologia genética e o pensamento complexo, São Caetano do Sul: Lura Editorial, 2015.

SIQUEIRA NETO, Armando Correa de. A educação sob o olhar docente, Mogi Mirim: 2016.

Livro Didático. Disponível em < <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>> Acesso em 30 de junho de 2017.